

“Música de São Paulo”

Iniciativas como a deste projeto - elencar músicas que representem a trajetória da “Música de São Paulo” – são comuns em momentos de crise, quando se fazem necessárias reavaliações de processos, buscando-se nos traços do passado a imaginação para os desenhos futuros.

A *crise* em questão é a encruzilhada em que se encontra a música popular, a procura de caminhos e alternativas para uma reorganização da sua relação com os meios de produção, propagação e comercialização. Mas existem também, possivelmente, outras razões, talvez mais profundas, que podem estar sustentando essa *crise*: o desgaste e a saturação dos procedimentos de composição; o excesso de oferta de material semelhante; a poluição das paisagens sonoras do mundo atual; a ausência de um silêncio *a priori* para a escuta; ou apenas o fim de um ciclo.

Se por um lado, os fones de milhões de mp3-players estão conectados 24 horas nas orelhas mundo afora (e São Paulo adentro), a importância real da música na vida das pessoas parece ser hoje muito menor do que há 30 ou 40 anos. Grande parte das canções e das músicas instrumentais do estado de São Paulo aqui selecionadas pertence a esse passado recente, o século do rádio, do disco de vitrola e da televisão de seletor manual de canais. Restringir a 25 fonogramas mais de 100 anos de história é tarefa certamente destinada a gerar sínteses instigantes e a provocar, conseqüentemente, injustiças irremediáveis.

Campo e Cidade

Considerando as características particulares de São Paulo podemos pensar a história da música no estado a partir da divisão em dois grandes momentos:

- 1- Uma primeira fase de características predominantemente “caipiras” que vai das últimas décadas do século XIX até aproximadamente a década de 50 do século XX. Aqui a cultura de característica interiorana é a que dita a irradiação da música. As temáticas são singelas, o retrato é o da natureza e da relação do homem com ela.
- 2- Uma segunda fase mais urbana, de meados da década de 60 até os dias de hoje. Assim como acontece em outras metrópoles como Nova Iorque e Londres, é o fazer da capital que irradiará a cultura musical, destacando-se uma vocação para abarcar as diferenças e a multiplicidade de estilos em uma ebulição de sonoridades que propiciará a inventividade e a criatividade nas fusões. Angústia, poesia, progresso e solidão na cidade grande estarão entre as temáticas abordadas.

Múltiplas dicções

Se por um lado a música de São Paulo - desta segunda fase - carece de elementos musicais e poéticos recorrentes e norteadores (como o *samba* e o *choro* são para o Rio de Janeiro ou o *baião* e o *xote* para boa parte do nordeste), por outro, é justamente da confluência próspera das múltiplas dicções mescladas que nascerá sua assinatura musical.

Laboratório da inventividade

Não é a toa que será em São Paulo que se darão os principais festivais de canção (em especial os da TV Record) tornando-se a cidade, desde meados dos anos 1960, o palco propício para o exercício das renovações estilísticas. Nesse contexto, a própria renovação e a inventividade de músicos do Rio de Janeiro (como Edu Lobo e Chico Buarque) encontrarão em São Paulo um maior espaço para se desenvolver. Curiosamente, algo semelhante já havia acontecido algumas décadas antes no âmbito da música clássica: foi no Teatro Municipal de São Paulo durante a Semana de 22 que o nacionalismo modernista revolucionário do carioca Heitor Villa-Lobos obteve suas primeiras audições de maior repercussão.

O *Tropicalismo* é paulistano

Será também em São Paulo que a antropofagia do paulistano Oswald de Andrade, assim como a plasticidade e sonoridade da poesia concreta dos irmãos Campos e o teatro do araraquarense Zé Celso fundamentarão os híbridos alicerces do *Tropicalismo* dos primeiros baianos, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé. Ainda no final dos anos 60, com muita irreverência, virtuosismo e musicalidade, *Os Mutantes* usarão o fio condutor do rock para reler paulistanamente Beatles, Led Zeppelin, Hendrix, Yes, boleros, rumbas e Silvio Caldas.

Anos 70 - outros rocks

Nos primeiros anos da década de 70, no cenário do Rock e suas fusões, a capital paulista acolheria e disseminaria, entre outras manifestações, o sucesso avassalador dos *Secos e Molhados* (formado pelo português João Ricardo, o paulistano Gerson Conrad e o mato-grossense Ney Matogrosso) assim como a energia do samba eletrificado dos *Novos Baianos*.

Vanguarda Paulista

Essas duas décadas de fertilização (anos 60 e 70) sedimentariam o terreno para o mais particular dos movimentos musicais de São Paulo, a *Vanguarda Paulista*. No início da década de 1980, reunidos em torno do *Teatro Lira Paulistana* e do palco do Sesc Pompéia, Itamar Assumpção, Arrigo Barnabé e o Grupo Rumo de Luiz Tatit, lançavam mão de estéticas muito distintas, mas compartilhavam (coincidentemente) da idéia de exploração de novas diferentes formas de incorporar a fala na canção. A consolidação do “jabá” como regulador das atividades comerciais das grandes gravadoras e dos principais meios de comunicação de massa em todo o país, somada a uma radicalização das especulações musicais no tecer das canções fariam com que o movimento, de grande sucesso de público, ficasse restrito à capital.

Vanguarda Instrumental

Paralelamente a esse experimentar no âmbito da canção, os palcos de música instrumental da capital revelariam uma série de propostas inusitadas, como o *Grupo Um*, o trio de violões *D’Alma*, e o *Pau Brasil* entre tantos outros.

Anos 90 – dentro e fora da mídia

No início dos anos 90, mais uma vez, São Paulo repercutiria a poética pós-tropicalista de alguns de seus moradores, como o paraibano Chico César (“Aos Vivos”) e o maranhense Zeca Baleiro, além de receber e destacar, seja em festivais do interior ou em espetáculos do circuito Sesc, as fusões rock-maracatus dos pernambucanos, Lenine, Chico Science e do grupo *Mestre Ambrósio*. Desde a virada dos 80/90 para cá, vêm aparecendo em São Paulo um representativo número de compositores/cantores, todos com trabalhos consistentes lançados e acompanhados por seus poucos e fiéis ouvintes, em circuitos alheios aos grandes meios de comunicação. É o caso, por exemplo, da contundente e suave/sólida poética musical do andreense Kleber Albuquerque.

2010 e além

O compromisso com a filtragem e o redimensionamento das conquistas do passado parece ser a teia amalgamadora que envolve inúmeros projetos na São Paulo de 2010, tão criativos quanto particulares. Mas quem quiser conhecê-los terá que desligar o cabo de suas TVs, dessintonizar os rádios de seus carros, esquecer o *shuffle* de seus I-Pods, parar de olhar a vida pela micro-tela de seu celular terceira geração. Terá que circular pelos teatros das unidades dos Sescs e por algumas pequenas casas e bares musicais. Terá que ouvir os amigos e dar ouvidos ao velho “boca-a-boca”.

Alguém aí já ouviu o som dos garotos da *Filarmônica de Pasárgada* ou assistiu as doces esquisitices do *Memórias de um caramujo*? Poderíamos citar outros 50...

Como diria Itamar Assumpção: *venha pra São Paulo ver o que é bom pra tossel!*

Sergio Molina – Setembro de 2010